



Cine Theatro Popular de Juiz de Fora: “Filme que passa pra um, passa pra cem”.¹

ROCHA, Adriano Medeiros da²; ROCHA, Anderson Medeiros da.³

FAMINAS – Faculdade de Minas (docente)

Resumo

A proposta deste artigo é evidenciar o formato de cinema de atrações desenvolvido numa das mais conhecidas e frequentadas salas de exibição do interior mineiro: o Cine Theatro Popular, de propriedade do cinejornalista João Gonçalves Carriço. Tal empreendimento, na cidade de Juiz de Fora, teria contribuído para uma revolução democrática no que se refere à popularização da cultura. Além desse aspecto central, vamos analisar as formas de divulgação utilizadas por Carriço em suas sessões cinematográficas, bem como os mecanismos criativos que propiciavam grande interação com a camada mais simples da população local.

Palavras-chave

Exibição; cinema brasileiro; história do cinema, João Carriço

1. No escurinho do Cine-Popular

Antes de falarmos no Cine Theatro Popular, de João Gonçalves Carriço, é necessário contextualizarmos que, nas primeiras décadas do século passado, em nível nacional, a maior parte dos exibidores tinha preferência em constituir um público formado pela família burguesa, especialmente mulheres e crianças. Nas cidades interioranas, como Juiz de Fora, havia uma elitização inicial dentro do processo da indústria cultural, dificultando o acesso à população pobre ou suburbana que, muitas vezes, conseguia assistir cinema apenas nas sessões gratuitas, ao ar livre, em alguma praça das principais cidades.

¹ Trabalho apresentado ao INTERCOM 2009, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense, já tendo trabalhado como docente nos cursos de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (MG) e da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora (MG). Atualmente, é professor do curso de Jornalismo da FAMINAS – Faculdade de Minas.

³ Aluno do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora (MG)



No caso do exibidor João Carriço, essa situação era tratada de maneira bastante diferente. Após anos promovendo exposições de rua (naquilo que ficou conhecido popularmente como Cinema Sereno) e do fracasso do Cine Theatro Moderno, nosso empreendedor partiu para mais um desafio: adequar a empresa funerária e de carruagens a mais uma atividade: a exposição cinematográfica. Num primeiro momento, o improvisado foi a palavra-chave dessas projeções. Muitas vezes, os espectadores chegavam a sentar até em caixões, a fim de assistir aos filmes. A sala de exposição passa a receber a denominação pejorativa de Cine Cocheira.

Depois de muitas adequações e grande investimento no local, feitos pelo cinejornalista mineiro, o Jornal do Comércio, do domingo, 14.ago.1927, já antecipava os proclames da inauguração daquele espaço.

Será hoje inaugurado á avenida 15 de Novembro o Cine-Theatro popular, de propriedade do sr. João Carriço. O Cinema está dotado de todos os requisitos, bem disposto, offerecendo commodidade ao público.

O sr. Carriço promete manter preços populares para as sessões.

O programma da sessão inaugural foi organizado com muito capricho, destacando-se os seguintes films: A inspiração perdida, grandiosa película em 7 actos; Os homens da noite, interessante film em 6 actos e a impagavel comedia em 2 actos Entra e sae.

Certamente, o Cine-Popular vae hoje apanhar uma enchente á cunha.⁴

Dessa forma, João Carriço inaugura na noite de 14 de agosto de 1927, o Cine Theatro Popular, situado à rua 15 de novembro, hoje, avenida Getúlio Vargas, número 890. Foi grande a repercussão na imprensa. O redator-chefe do jornal Diário Mercantil, publicado em 15.ago.1927, não poupou elogios ao Popular.

Realizou-se hontem, com uma casa á cunha, a inauguração do Cine Theatro popular, de nosso distincto conterraneo sr. João G. Carriço.

O Cine-Theatro Popular acha-se optimamente instalado, com lugares para 1.000 espectadores.

A decoração interna do salão, bem como dos outros compartimentos do Cine-Theatro popular, foi confiada aos apreciados artistas srs. Xisto Valle de Assis e Americo Rodrigues, o que, só, vale para affirmação de que está mesmo um trabalho chic.

Todos os demais departamentos do popular, desde a cabine de proejções ao palco e ás installações sanitarias, estão de accordo com o que é exigido.

A orchestra do popular esta sendo regida pelo apreciado musicista Mario Valois de Castro, que já fez parte das orchestras de outros cinemas locais.

Auguramos ao Cine-Theatro Popular o maior exito.⁵

⁴ Fonte: Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

⁵ Fonte: Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.



Já o redator do Jornal do Comércio do dia 16.ago.1927 fez questão de destinar um espaço na primeira página do seu veículo de comunicação para descrever o evento.

Inaugurou-se ante-hontem, ás 7 horas, o Cinema Popular, de propriedade do sr. João Carriço, nosso distinto e prezado conterraneo.
A nova casa de diverões, situada á avenida Quinze de Novembro, é vasta, confortável, offerecendo ao público todas as commodidades.
O salão, fartamente iluminado, é amplo e está decorado com muito gosto, o mesmo acontecendo á sala de espera.
A projecção dos films é excellente, muito nitida e com a vantagem de ser indirecta, não fatigando a vista dos espectadores.
A orchestra foi organizada com magnificos elementos, constituindo um bello conjuncto.
Foi grande o público que ante-hontem accorreu ao Cinema Popular, que deu duas sessões, ambas concorridissimas.
Os preços são populares e os films exibidos são dos melhores.⁶

Na inauguração, além dos filmes exibidos, foi realizada uma apresentação no palco com a Troupe Edison - um grupo formado por dois meninos e quatro meninas alegres e elegantes, que continuou a se apresentar nos dias posteriores. Em vários momentos a imprensa registra a programação do Cine Popular de forma parcial e bastante chamativa, sem falar no uso de adjetivação excessiva para exaltar as sessões ou o espaço físico. Tal prática pode ser vista na edição do Jornal do Comércio publicada em 19.ago.1927.

Haverá hoje no Popular mais uma sessão maravilhosa.
O querido cinema do povo, apresentará hoje ao público um film de grande sucesso em 6 actos, que terá como principal protagonista Léo Maloney, constituindo um triumpho para a tela do Popular, *A honra acima de tudo!*, como complemento passar-se-á ainda na tela uma linda comedia em 2 actos, *Amor combatente*.
No palco: Edison e sua troupe, o promissor genio brasileiro, aos seus 7 annos de idade fará a delícia dos habitués do Popular com sua encantadora voz cheia de graça e melodia.⁷

Ainda no primeiro mês de atividades do cinema, João Carriço já anunciava a exibição de lançamentos da distribuidora americana Fox, como *Os saltimbancos* e *Robin Hood*. Martha Sirimarco (2005), lembra que, nesse momento histórico, Juiz de Fora possuía outros quatro cinemas: Polytheama, Cinema Ideal, Cine Theatro Variedades, e Cine Theatro Paz. Entretanto, é somente depois da inauguração do Cine Popular que uma ampla faixa da população mais carente de Juiz de Fora passa a

⁶ Fonte: Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes

⁷ Fonte: Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes



frequentar uma sala de projeção. Um dos maiores objetivos desse cinema era combater os preços altos dos demais divertimentos da cidade.

O público principal do Cine Popular era formado por trabalhadores/operários e crianças. A idéia de João Carriço era proporcionar diversão barata e, assim, democrática para a maioria da população. Como no mecanismo político empregado por Getúlio Vargas nessa época, o exibidor juizforano acredita que o acesso à diversão também representa o direito de cidadania para os menos favorecidos. Dois lemas são adotados por ele para representar o trabalho de difusão cultural desenvolvido no Cine Theatro Popular: “filme que passa para um, passa para cem” e “Cinema do povo para o povo” (um dos marcos do pensamento empregado na revolução francesa). Este último acaba derivando para “Popular – o amigo do povo”. Mesmo quem estava sem dinheiro não deixava de ver os filmes na sala de João Carriço. Na entrevista a este pesquisador, seu neto, Manoel Carriço Filho, relatou que todos acabavam entrando. “Alguns que não tinham dinheiro, já estavam tão acostumados com meu avô, que iam logo pegando uma vassoura e fazendo a limpeza na fachada, como uma forma de pagamento pela entrada”.

A estrutura física do Cine Theatro Popular era constituída por uma sala ampla com pé direito bastante alto e capacidade para 1.000 pessoas que se acomodavam naquelas tradicionais cadeiras numeradas de madeira e sem forro. O piso era de tábua corrida e o teto constituído por telhas francesas e armação em madeira. Todo o interior havia sido decorado pelos pintores Xisto Valle de Assis e Américo Rodrigues. Como bom vendedor, João Carriço fazia questão de destacar o que o Popular possuía de melhor. No programa do dia 10.jan.1930, ele escreve logo abaixo do nome Cine Theatro Popular: “A mais perfeita projecção pelo moderno aparelho AEG. Esmerado asseio e conforto. O salão mais bem ventilado desta cidade”.

Apesar de simples, o Cine Popular mantinha uma programação atualizada e com inúmeros lançamentos simultâneos com o Rio de Janeiro. O programa do dia 13.set.1935 destacava:

Hoje – o mais sensacional acontecimento cinematográfico!
Em matinée às 2,15 e Soirée às 7,15
Oh, Marietta!
Na tela do Palácio do Rio e na tela do Popular em Juiz de Fora.

Manoel Carriço Filho lembra um fato curioso: o Cine Popular era separado da funerária apenas por uma porta.



Algumas vezes ele estava aqui, no cinema, ou na Carriço Film e era chamado para vender um caixão. Aí ele falava que, apesar de estar alegre e satisfeito, tinha que passar numa porta e já mudar a fisionomia para atender ao cliente. Ele tinha que se transformar.⁸

Décio Lopes complementa: “Era comum, no meio de uma sessão, do lado direito em direção à tela, passar um cara com um caixão na cabeça. Quem não era de Juiz de Fora e tava lá em baixo levava o maior susto. Isso mostra a face despreocupada de João. Ele era inocente, puro, poeta”.⁹

João Carriço tinha um aspecto religioso bastante desenvolvido, principalmente após a cura do seu tumor sífilítico na garganta. Além de um presépio natalino – montado na fachada do Cine Popular, sua grande religiosidade também era demonstrada, durante a celebração da Semana Santa Católica. Nesse período do ano, o Cine Popular promovia uma programação voltada para a espiritualidade. Não faltavam filmes sobre a vida de Cristo. Martha Sirimarco (2005) relata que em 28.março.1929 João Carriço já anunciava com euforia: “às duas horas e à noite, às 7:15 horas, o único, novo, completo e monumental trabalho sacro colorido, em oito atos, com legendas próprias – *Nascimento, vida, paixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo*”. (SIRIMARCO, 2005, p. 49).

De acordo com o cinegrafista da Carriço Film, Carlos Alberto, o cinema ficava lotado e havia necessidade de se promover várias sessões seguidas, ininterruptamente. Mesmo conhecendo a história, os espectadores queriam rever e voltar a se emocionar a cada ano. Ainda na Semana Santa, João Carriço enfeitava o cinema com folhagem verde e cartazes sobre a vida de Jesus. Até pouco tempo, Manoel Carriço Filho (neto de João Carriço) ainda guardava um raro filme da Pathé Frères, colorido à mão, sobre a vida de Cristo. Infelizmente, esse exemplar também foi perdido pela falta de condições técnicas adequadas à sua conservação.

A presença das mulheres nas sessões comuns da sala escura de João Carriço é pequena. Apenas naquelas projeções intituladas de *Sessão das moças* havia uma participação significativa das mulheres. Mesmo com a ameaça dos bolinas, tradicionalmente, João Carriço se recusava a solicitar policiamento para as sessões. Em 1936, tal recusa teve como consequência a crítica da revista *Rua Halfeld*, que desejava o

⁸ A fala de Manoel Carriço Filho foi retirada da entrevista realizada em 21.set.2006.

⁹ O trecho da fala de Décio Lopes foi retirado da entrevista realizada em 23.set.2006



cerceamento da prática do namoro “abusivo” naquele local.

No mesmo ano, João Carriço arrenda o Cine Theatro Popular à empresa Cine Theatral Ltda, de Belo Horizonte. No programa da época, João Carriço informa ao espectador que ele vai continuar colaborando com a nova empresa e que o Popular continua “do povo para o povo”. Entretanto, ele não contava com as inúmeras complicações no desfecho dessa negociação. No fim do período de contrato, depois de perceber os lucros, a empresa Cine Theatral reluta em devolver o Popular. João Carriço precisa entrar numa batalha judicial e leva anos para ganhar a causa. Segundo nossos entrevistados, esse longo período de aborrecimento seria um dos motivos que iria, posteriormente, contribuir para a fragilidade de sua saúde e, em consequência, também para com a sua morte.

Hoje, no espaço do Cine Popular existe o estacionamento Santa Luzia, de propriedade dos irmãos Manoel e João Carriço (netos). O nome vem de uma homenagem da dupla à avó dona Santinha, ou Luzia Santos Carriço. É bem verdade também que, se analisarmos conforme as crenças religiosas católicas, a referência à Santa Luzia no nome desse guarda-carros é bastante pertinente, uma vez que ela seria a entidade protetora da visão, tão bem trabalhada nesse estabelecimento em anos anteriores.

Analisando todo o imóvel, verificamos que quase nada restou da antiga fachada. A frente do prédio foi dividida em três partes: duas lojas de aluguel (a drogaria São Jorge e o mercado Dallas) e a entrada de veículos para o estacionamento Santa Luzia, que ocupa toda a enorme parte dos fundos da propriedade. Essa passagem de veículos, que também abriga uma pequena banca de chaveiro, teria sido, no passado, uma espécie de ante-sala do Cine Popular. O galpão do estacionamento conservou apenas as altas paredes em alvenaria, mesmo assim foram reforçadas com colunas laterais. As típicas telhas francesas de barro e os suportes de madeira foram substituídos por uma estrutura de ferro e telhas de amianto. O piso perdeu as tábuas corridas e ganhou um calçamento para aguentar o peso e a movimentação de veículos. O estacionamento pode abrigar até 60 automóveis – o que dá uma boa noção do tamanho do antigo Cine Popular.

Do passado restaram a estreita, íngreme e antiga escada em madeira que dava acesso à sala de projeção e o espaço físico da própria sala, agora, utilizada como escritório. A abertura da janela pela qual se vê a parte interna do estacionamento é a mesma que João Carriço e seus funcionários projetavam os filmes, como nos contou, emocionado, o neto Manoel Filho. Ele e o irmão (João) se revezam na direção do



estabelecimento e sempre fizeram questão de manter na mesa de recepção/cobrança dois objetos: uma imagem do Cristo Redentor, similar à do Rio de Janeiro, (que era símbolo de cura e adoração por João Carriço) e uma foto dos avós João e dona Santinha, juntos, emoldurada na parede, em local alto e de destaque.

Manoel Filho nos contou que já foi procurado, várias vezes, por pessoas interessadas em comprar o imóvel. Todavia, mesmo quando a oferta realmente era exorbitante (como a oferecida a poucos anos pela Igreja Universal), afinal, o estacionamento tem uma área muito grande e fica numa das ruas mais valorizadas da cidade, o coração sempre batia mais rápido e a memória do avô, apaixonado por aquele lugar, falava mais forte.

1.1 Os filmes exibidos

Normalmente, a partir de 1933, a sessão do Cine Popular era composta por um jornal de atualidades, um complemento nacional, desenho, filme principal e algum seriado. Antes de montar sua produtora, João Carriço exibia como jornal de atualidades o Universal Jornal. Ele teria sido o primeiro exibidor da Fox Film no estado de Minas Gerais. “A base da exibição no popular era formada por filmes de entretenimento e de espetáculo mas, raramente, ele exibia um filme de arte, como *O salário do medo*”.¹⁰

Além da questão comercial, ou seja, agradar seu público com os grandes lançamentos, principalmente americanos, o exibidor juizforano preocupava-se em montar uma programação que abrisse espaço para o conhecimento. Num dos filmes exibidos – *Laço Sagrado*, observava-se o seguinte letreiro: “(...) que todas as moças que se candidatam ao matrimônio devem assistir, observar e pensar maduramente o tema escolhido”. Outro exemplo deste procedimento educativo pode ser evidenciado através do Cine Jornal Actualidades nº 30 (1935). No final desta obra, observamos uma placa de letreiro com o desenho de uma dona de casa, em uma cozinha, preparando comida ao seguinte letreiro: “Evite typho. As fructas e os legumes crus são portadores de muitos micróbios, principalemnte os do typho. Lave bem as fructas e mergulhe os legumes rapidamente em água fervendo antes de usá-los. Ipês”. João Carriço considerava o cinema como uma instância de educação social, chegando a ceder, gratuitamente, o espaço do Cine Popular para eventos e realizando a “Semana da Caridade”, na qual

¹⁰ O trecho da fala de Décio Lopes foi retirado da entrevista realizada em 23.set.2006



destinava 20% de toda renda das sessões para casas de benemerecência. Além disso, tinha grande preocupação com as crianças.

O Cine Popular exibia filmes de três distribuidoras americanas: Fox, Universal e Columbia. Muitas vezes, havia lançamentos simultâneos com a programação do Rio de Janeiro. Com um olhar permanente e atento às mudanças e inovações, João Carriço não abria mão das novas tecnologias. No dia 28.set.1929, ele já exibia *Agonia de Jerusalém* (em sete atos) e *Sublime Provação*, com Vicente Celestino e Aida Veron. Este último já era falado, cantado, musicado e sincronizado.

1.2 As atrações inclusas

Principalmente durante a fase muda, a sessão do Cine Theatro Popular possuía duas partes: atrações de palco e exibições na tela. Entre os números de palco (sempre populares e “de sensação”) tínhamos cantores, peças teatrais, trupes circenses e números fantásticos, como, por exemplo, Mustaphá-Bey (O Homem Peixe). O programa do Cine Popular impresso para o dia 15.junho.1931 já chamava a atenção do espectador para a atração internacional:

O Homem Phenomeno que alcançou os maiores sucessos nos Estados Unidos, Inglaterra, Allemanha, Hespanha, Russia, Argentina e Uruguay, apresentar-se-á em números novos e verdadeiramente sensacionaes. Uma barra de ferro será batida nos seus músculos até que se dobre. Mustaphá numa demonstração de força herculea partirá uma corrente de ferro, examinada antes pelo público. Amarrado numa camisa de força escapará á vista do público.

Número de bastante sensação: Mustaphá Bey será acorrentado com 10 metros de sollida corrente de ferro e será algemado, e assim será deitado num tanque de 450 litros de água, tanque esse que será pregado e controlado pelo público. Mustaphá Bey deverá permanecer 6 minutos dentro do referido tanque, findo os quaes apparecerá ao público com as algemas e a corrente rompidas, sahindo livre. A tampa tem vidro de Crystal e todos podem ver que não há nenhum truque. O Sr. Mustapha Bey offerece um prêmio de 10.000\$000 (dez contos de réis) a todo artista que conseguir fazer o mesmo.¹¹

Ainda nessa fase muda, as sessões do Popular eram acompanhadas por uma orquestra chamada de *Os 8 batutas*, formada por professores de música. O conjunto era organizado pelo maestro Hugo Delpapa. Há também registros da regência de outros maestros, como Raymundo Fortuny (programa do dia 15.junho.1931). Os principais instrumentos utilizados pela orquestra eram violino, flauta, bateria, trombone e

¹¹ programa do Cine Popular impresso para o dia 15 de junho de 1931. Fonte: Biblioteca Municipal Murilo Mendes



cavaquinho. É interessante ressaltar que, mesmo depois da chegada dos filmes sonorizados, João Carriço relutou em dispensar os músicos e ainda manteve sua orquestra por algum tempo.

Como exibidor, João Carriço inovava sempre: muitas vezes, no intervalo entre a exibição de um filme e a atração no palco, ele serve café a todos os frequentadores ou distribuía bombons e calendários nas matinês às crianças. “Ele trazia teatro de revista, teatro de rebolado – mulher com as cochas de fora. Até o bispo, de vez em quando, aparecia para ver o teatro de rebolado. Eu vi lá o Nelson Gonçalves apresentando pela primeira vez no palco Roberto Carlos. Várias companhias vinham aqui”.

1.3 As formas de divulgação das sessões

Quem passava pela rua 15 de novembro, no centro de Juiz de Fora, a partir de 1927, já não se surpreendia com o aglomerado de pessoas que se formava próximo ao número 890. Ao ouvir o apito de uma sirene todos já sabiam: era o anúncio do início de mais uma sessão do Cine Theatro Popular.

Complementando o tradicional apito, João Carriço utilizava várias outras técnicas de difusão da sua sala de exibição, que vão desde as mais simples, como anúncios nos jornais da cidade, tabuletas na porta do cinema e espalhadas pelas esquinas da cidade até esquemas mais ousados como alegorias na carroceria de caminhões ou carroças que desfilavam pela cidade divulgando novos lançamentos. Foi o caso, por exemplo, do filme *Pimpinela Escarlata*, no qual ele montou um cenário na carroceria de um caminhão. Nele, via-se uma guilhotina, um ator vestido de carrasco e outro de espadachim. Numa prancha encontrava-se um corpo guilhotinado envolvido em pano, mas com as pernas e pés a mostra. Já para o filme *Nas asas do destino*, João Carriço chega a produzir um grande avião de madeira puxado por uma carroça com enormes tabuletas laterais anunciando o filme.

Aproveitando da experiência como cenógrafo e da rapidez na pintura (o que lhe rendeu o apelido de Faísca), João Carriço produzia dezenas de placas ou tabuletas de divulgação, normalmente coloridas, com vários tipos de fontes (na mesma placa), uso de desenhos e figuras para chamar a atenção e poucos espaços vazios. Num ofício, manuscrito, datado de 24.out.1927 e dirigido ao presidente da Câmara Municipal, ele defende o uso desse instrumento de difusão de suas sessões no Cine Theatro Popular.



O abaixo assignado proprietário do Cine Theatro Popular sito a Av. 15 de Novembro Nº 890, tendo sido intimado pelos senhores agentes municipais, a retirar as placas de reclames do referido cinema nas paredes das casas comerciais cedidas pelos proprietários para reclame, vem requerer muito respeitosamente a V. Ex. se digne conceder a licença compromettendo se a não estorvar o transito pois que as referidas placas são pequenas e morais.¹²

Além das tabuletas, João Carriço ainda trabalha com outros dois mecanismos impressos de divulgação. Ambos distribuídos gratuitamente aos espectadores do Cine Popular.

a) Volantes/programas: brancos ou coloridos, em tamanho 45 cm X 15 cm e que eram confeccionados na pequena gráfica do Cine Popular. O próprio João Carriço diagramava e montava os textos. Em muitos desses programas identificamos a preocupação com a criação de público, através das sessões infantis e o cuidado com a participação feminina, através dos “preços reduzidos” para a sessão das moças. Normalmente, os programas eram montados obedecendo a seguinte estrutura: na parte superior ficava um cabeçalho com o nome do cinema e da empresa responsável, juntamente com a data (dia, mês, ano). Nesse mesmo espaço, em alguns programas, lia-se também o endereço e o telefone do Cine Popular. Logo abaixo dessa espécie de cabeçalho o leitor observava um grande título e informações detalhadas a respeito do filme principal, que estaria em cartaz naquele dia. Quase sempre havia foto ou ilustração dessa obra. Somente o filme principal (com informações e fotos) ocupava cerca de metade ou até 2/3 do volante. O restante ficava por conta da programação que viria em seguida como, por exemplo, do próximo dia. Por último, na parte inferior do volante vinham as informações a respeito da programação que entraria em cartaz a seguir, ou seja, era apenas um chamado à curiosidade do leitor. Aqui, João Carriço coloca perguntas e interroga seus espectadores, como no programa do dia 21.out.1935:

Vem aí! Assombrando o mundo – Bella Lugosi em
A marca do vampiro – um filme da Metro
Será bonita ou feia... A noiva do Frankenstein?

Outra característica importante é a exposição do valor das entradas em todos os programas. João Carriço fazia questão de informar, previamente, a seu público que os preços eram populares. A publicidade para outras empresas ou instituições não era comum nesse informativo. A única exceção que encontramos foi o programa do dia

¹² fonte: Arquivo Histórico de Juiz de Fora



18.junho.1931 que apresentava na parte inferior um retângulo com publicidade da papelaria Casa Flamengo.

b) Jornal: informativo de três colunas e quatro páginas que falava de literatura e tinha um caráter humorístico e satírico. Seu redator e diretor era S. Torres, enquanto o diretor/secretário era J. Nicolini. João Carriço também fazia seus versos sob o pseudônimo de Joasil:

Se de sua alma a tristeza
quiser banir com presteza, com risadas estridentes,
um conselho vou lhe dar:
- Vá ver lá no *Popular*
Era uma vez dois valentes, O gordo e o magro é verdade
fazem-nos rir a vontade
Com gostosas gargalhadas...
Não podemos resistir
E temos mesmo que rir
a bandeiras despregadas! (apud SIRIMARCO, 2005, p. 50 e 51)

Um dos únicos mecanismos de difusão empregados por João Carriço que não obteve o resultado esperado foi sua agência de publicidade. Criada em 1934, ela acompanhou o início das atividades da produtora Carriço Film. Era a primeira agência de Juiz de Fora e da região. Entre seus objetivos estava a divulgação da programação do Cine Theatro Popular. Como João Carriço já era bastante conhecido não só na cidade, mas também no país e já produzia um cinejornal, normalmente quinzenal, parecia relativamente fácil arrumar clientes anunciantes para sua agência e para seus cinejornais. Entretanto, não foi isso que aconteceu. Dois anos depois, a primeira agência de publicidade da Manchester Mineira fecha suas portas.

João Carriço foi um exibidor dinâmico e bastante sensível às reações de seus espectadores. A mesma revista *Rua Halfeld*, que num outro momento criticou a prática do namoro dentro do Cine Popular, também publicou um artigo de Edmundo Lys, sob o pseudônimo de William Wilson com elogios ao esquema de divulgação empregado por ele:

Estamos informados de que os cinemas locais, achando insuficiente o apito das sirenas à hora da sessão – o que está no rigor da moda em Adis-Abeba – vão adotar o zabumba do Carriço e passearem carro de bois pela cidade, nos dias de grandes filmes. O carro de bois é muito bem lembrado e a empresa merece francos parabéns. (julho 1936 nº 2 apud SIRIMARCO, 2005, p. 48)

1.4 O povo na casa de Carriço



“Filme que passa para um, passa para cem” – assim dizia João Carriço. O Cine Popular acaba se tornando a sala preferida pelos assalariados de Juiz de Fora. Mesmo quem não tinha dinheiro sempre acabava entrando. “O público era maravilhoso, porque era um público muito simples e apaixonado pelo cinema. Era um cinema do povo”.¹³ Em um ofício manuscrito, endereçado ao Presidente da Câmara Municipal e datado de 06.fev.1929 – dois anos após o início das atividades do Cine Popular, o exibidor juizforano já faz questão de deixar pública e oficial a sua íntima relação com o povo desta cidade. Após sua assinatura, ele não se intimida e abre espaço para escrever também, entre parênteses, a auto-denominação “o amigo do povo”. Seria esta reação entusiasmada uma influência da proximidade do carnaval?

O abaixo assignado proprietário do Cine Theatro Popular sito a Av. 15 de Novembro Nº 890, tendo organizado para os quatro dias de Carnaval depois da sessão cinematográfica Bailes Familiares vem muito respeitosamente requerer de V. Ex. a celeração dos impostos referentes a bailes. Pede Differimento.
Juiz de Fora, 6 de Fevereiro de 1929
João G. Carriço (o amigo do povo)¹⁴

A diversão barata atraía o povo, que reconhece o trabalho de Carriço. Em 1929, depois de dois anos de funcionamento do cinema, um grande número de pessoas lota a Praça João Penido, mais conhecida como Praça da Estação – lugar de comícios e manifestações operárias. Em grupo, caminham até o Cine Popular, apoiados no ritmo e na animação de uma banda de música. A manifestação popular visava prestar uma homenagem a João Carriço em reconhecimento a seu trabalho como exibidor na data festiva de seu aniversário (27 de julho). A liderança do movimento partiu dos comerciários, que espalharam pela cidade convites a toda população. Depois da manifestação popular, João Carriço teria ficado tão emocionado que promoveu várias sessões gratuitas para o povo.

2. As últimas sessões do Popular

No dia 20.junho.1959 João Gonçalves Carriço morre, aos 72 anos. Martha Sirimarco dá conta que oito cinemas da cidade fecharam as portas em sinal de luto e uma grande fileira de carros se aglomerou no centro de Juiz de Fora e partiu em direção

¹³ O trecho da fala de Décio Lopes foi retirado da entrevista realizada em 23.set.2006

¹⁴ Veja anexo 32. Fonte: Arquivo Histórico de Juiz de Fora



ao Cemitério da Glória.

O Cine Popular ainda continua suas atividades sob a direção de Manoel Carriço. Sem a autoridade do pai por perto, ele começa a promover também a chamada *Sessão da meia noite*, destinada somente a homens maiores de 18 anos e, na qual, eram exibidos filmes de sensualidade e erotismo (pornográficos primitivos). Dona Santinha, mãe de Manoel Carriço, nunca teria ficado sabendo dessa nova programação noturna. Pouco depois, a Cia Central de Diversões intensifica sua insistência na compra do Cine Popular. Inicialmente, Manoel resiste às ofertas. A partir desse momento, ele começa a sofrer um boicote das distribuidoras de filmes americanos, especialmente da Columbia. Tentando impedir o fechamento do Popular, Manoel Carriço procura a distribuidora Tabajara – de filmes europeus – e a agência Russa.

Nós fizemos, lá, um festival de cinema com filmes de uma distribuidora chamada Tabajara Filmes, especializada em filmes da Europa Oriental. Então nós fizemos um festival de cinema soviético. (risos) Sete filmes. (risos) Pleno 1966. A Polícia Federal deu em cima. Prendeu o Manoel Carriço e ele livrou a cara da gente. Ficou preso uma semana.¹⁵

Com uma programação muito diferente dos anos anteriores, o público vai, gradativamente, abandonando o Cine Popular, que fecha suas portas em 1966. Para Manoel Carriço Filho, que presenciou esse instante, o fechamento do Popular deixou marcas profundas e lembranças ainda dolorosas.

Por ter visto a Carriço Film se acabar, por ter visto meu pai fechar o cinema – meu pai ficou muito abalado, muito triste. Aí eu fiquei com isso na cabeça: que cinema não dava lucro, que não era uma coisa legal. Daí eu nunca pensei em ser um cineasta. Eu fiquei um pouco traumatizado.¹⁶

Considerações Finais

Após esse relato historiográfico, podemos argumentar que Cine Theatro Popular representa muito mais que um espaço físico que foi destinado a exibições cinematográficas. Ele foi um grande palco de atrações, democrático e interativo, que aproximou as camadas menos favorecidas economicamente de Juiz de Fora e região da arte cinematográfica. Dessa forma, cabe a nós: pesquisadores, estudantes e amantes

¹⁵ O trecho da fala de Décio Lopes foi retirado da entrevista realizada em 23.set.2006

¹⁶ O trecho da fala de Manoel Carriço Filho foi retirado da entrevista realizada em 21.set.2006.



deste mecanismo comunicacional, a missão de preservar e difundir a memória desse incansável exibidor e cinejornalista mineiro, João Gonçalves Carriço.

Referências bibliográficas

BERNARDET, Jean-claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BILHARINHO, Guido, Cem anos de cinema brasileiro. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1997, 216 p.

BRASILEIRA, Cinemateca. Cinejornal Carriço. São Paulo, BC Gráfica/ Editora, 2001, catálogo.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “Europa dos pobres”: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. 160p.

CINE-POPULAR. Jornal do Comércio, Juiz de Fora, 14.ago.1927. p. 05.

CINE-POPULAR – sua inauguração. Jornal do Comércio, Juiz de Fora, 16.ago.1927. p. 01.

CINE Theatro Popular. Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15.ago.1927. p.02

COWIE, Peter. “História do documentário cinematográfico“ in: MELO, José Marques de. *Cinema e jornalismo*. São Paulo: Escola de comunicações e Arte – USP, 1972.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESTEVES, Albino. Álbum do município de Juiz de Fora. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. 530p. (Reedição feita e 1989 pela Prefeitura de Juiz de Fora; edição fac-similar pela Empresa Gráfica de Juiz de Fora).

GALDINO, Márcio da Rocha. *Minas Gerais Ensaio de Filmografia*. Belo Horizonte: Comunicação, 1983.

GUEDES, Martha Sirimarco. *Cinejornalismo & populismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. Tese (Mestrado em Comunicação Social).

LOPES, Décio. João Gonçalves Carriço e a memória cinematográfica nacional. Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21.ago.1981.

MIRANDA, Marcelo. Uma Cannes à beira do Rio Paraibuna. Jornal Panorama, Juiz de Fora, 24.março.2005. Caderno ETC, p.18.

MUSSE, Christina Ferraz. Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), 2006, 289 p.

SIRIMARCO, Martha. *João Carriço – o amigo do povo*. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2005.



SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

Material gravado em áudio

DIAS, Carlos Alberto. Carlos Alberto Dias: depoimento [out.2006]. Entrevistador: Adriano Medeiros da Rocha. Rio de Janeiro, 2006. 2 fitas cassete (120 min.): estéreo.

DIAS, Ruth da Silva. Ruth da Silva Dias: depoimento [Out.2006]. Entrevistador: Adriano Medeiros da Rocha. Rio de Janeiro, 2006. 2 fitas cassete (120 min.): estéreo.

FILHO, Manoel Gonçalves Carriço. Manoel Gonçalves Carriço: depoimento [set.2006]. Entrevistador: Adriano Medeiros da Rocha. Juiz de Fora, 2006. 3 fitas cassete (180 min.): estéreo.

LOPES, Décio Batista. Décio Batista Lopes: depoimento [Set/2006]. Entrevistador: Adriano Medeiros da Rocha. Juiz de Fora, 2006. 3 fitas cassetes (180 min.): estéreo.